

UM ESTUDO DA SOCIEDADE A PARTIR DAS FORMAS SOCIAIS

Jessé Saturnino Junior²

RESUMO: Este artigo tem a intenção de mostrar como o pensamento sociológico, elaborado por Georg Simmel, aborda a relação entre conteúdo, como elementos individuais e, forma social, como construções coletivas, que possibilitam a realização ou não das vontades singulares de cada membro da vida social. A sociação será a confluência de formas sociais determinadas e a sociabilidade ocorre com a autonomia das formas sociais perante o indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: forma social; conteúdo; sociação e sociabilidade.

1 INTRODUÇÃO

No pensamento sociológico desenvolvido por Georg Simmel, no período que vai de 1881, ano em que lançou sua tese - *Das Wesen der Materie nach Kants physischer Monadologie* (A essência da matéria segundo a monadologia física de Kant) - até 1918, quando da sua morte, encontramos um conjunto de idéias e conceitos que nos remetem a uma reflexão, referida já por Raymond Boudon e François Bourricaud nos seguintes termos: “a noção que com maior freqüência vem ao espírito quando se quer caracterizar a obra de Simmel é a da sociologia 'da forma' ou sociologia 'formal', tão famosa que, muitas vezes, chega a ser mal compreendida.”³ Concernente aos conceitos de socialização - às vezes, traduzido por sociação (*vergesellschaftung*)⁴ -, de ação recíproca entre os indivíduos, de interação social e de conteúdo e forma social, vemos surgir os pressupostos de uma Sociologia fundada na concepção de que “a sociedade existe ali onde vários indivíduos entram em ação recíproca”⁵.

A Sociologia construída por Simmel funda-se num arsenal de conceitos, no qual o de forma social destaca-se, adquirindo a condição de objeto de estudo da Sociologia, por indicar que:

A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração que caem sob o conceito geral de interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses⁶.

² Mestre em Sociologia, pela UFMG. Professor da Faculdade Pará de Minas.

Assim, a importância do conceito de forma social reside na capacidade de ser organizadora das relações sociais entre os indivíduos e no estabelecimento de ações recíprocas, ou seja, na socialização/sociação. Para Simmel: “a sociologia deve buscar seus problemas não na matéria da vida social, mas em sua forma; inclusive é essa forma que dá o caráter social de todos aqueles fatos de que se ocupam as ciências particulares⁷”. É um olhar sobre a sociedade a partir das “formas que tomam os grupos de homens, unidos para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros - aí está o domínio da sociologia⁸”.

2 A RELAÇÃO ENTRE CONTEÚDO E FORMA SOCIAL

A malha conceitual que inclui a relação e a distinção entre conteúdo e forma social destaca a importância da ação recíproca, da interação social que, para Simmel, constitui o elemento atômico da sociedade, pois é onde indivíduos entram em interação social que existe a sociedade.

Quando os conteúdos rompem a esfera da individualidade, abrigando-se nas formas sociais, com os indivíduos colocando-se em cooperação, colaboração ou conflito com os outros indivíduos, temos a constituição da ação recíproca. Esse evento estabelece-se a partir de determinados instintos e dirige-se a determinados fins que são impulsionadores das ações dos indivíduos. Tais ações são recíprocas: os indivíduos influenciam e são influenciados pelas ações de outros indivíduos e possibilitam a convivência de uns com os outros e de uns contra os outros.

O que faz com que a 'sociedade', em qualquer dos sentidos válidos da palavra, seja sociedade, são evidentemente as diversas maneiras de interação a que nos referimos. Um aglomerado de homens não constitui uma sociedade só porque exista em cada um deles em separado um conteúdo vital objetivamente determinado ou que o mova subjetivamente. Somente quando a vida desses conteúdos adquire a forma da influência recíproca, só quando se produz a ação de uns sobre os outros - imediatamente ou por intermédio de um terceiro - é que a nova coexistência social,(...) se converte numa sociedade⁹”.

A matéria das sociações está nos conteúdos, ou seja, *no* "instinto, interesse, fim, inclinação, estado ou movimento psíquico -, tudo enfim capaz de originar ação sobre os outros ou a recepção de suas influências¹⁰", e são propriedades individuais. Esses conteúdos em si mesmos não são sociais. É somente quando superam o isolamento dos indivíduos e adotam formas sociais que se tornam sociais.

Os conteúdos que movem os indivíduos podem ser tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados ou induzidos. Porém são eles os constituintes da sociedade por serem os motivadores das ações e das interações entre os indivíduos.

São as ações de uns sobre os outros que imputam à sociedade a característica de ser sociedade e não somente um agregado de indivíduos, mas um espaço que possibilita diversas maneiras de interação social entre seus membros, na busca da realização de conteúdos.

No entanto, esses conteúdos, como particularidades individuais, para poderem alimentar a interação social, acomodam-se em formas sociais e delas não podem ser separados. Sem essa junção de conteúdo e forma social não seria possível a socialização, pois ela torna possíveis as interações sociais. Um conteúdo que não encontra forma na vida social, ou seja, que não existe como um fenômeno social, será somente algo psicológico. É a maneira que os indivíduos encontram para expor sua individualidade, através das formas sociais, que os tornam dados sociológicos.

Podemos, então, cair na tentação fácil de afirmar que tudo é forma social. O próprio Simmel definiu as duas condições a serem verificadas na existência de uma forma social. Não só "de um lado, é preciso que uma mesma forma de sociação possa ser observada em conteúdos totalmente diversos e em conexão com fins totalmente diversos¹¹", como também "é necessário que o mesmo interesse apareça realizado em formas de sociação completamente diversos, que lhe serviriam de meio ou veículo."¹²

Sendo, então, a forma social um *veículo*, este sempre vem imbricado aos conteúdos, ou seja, a forma não existe sem o conteúdo e o conteúdo que não foi posto em forma social não existe como evento social. Sendo como tal, o conteúdo é objeto de estudos de outras ciências que não a Sociologia, cabendo a esta o estudo da forma social, no qual a separação entre conteúdo e forma social, para efeitos de análises sociológicas, é o primeiro passo.

No entanto, forma social e conteúdo estão de tal maneira imbricados que a separação dá-se somente para efeito da análise sociológica. Nas interações concretas, formas sociais e conteúdos não são separáveis. A separação obedece às necessidades metodológicas do trabalho do sociólogo.

Ao tratar da separação analítica de forma social e conteúdo, Simmel afirma que:

Separar por abstração científica estes dois elementos, forma e conteúdo, que são na realidade inseparavelmente unidos; sistematizar e submeter a um ponto de vista metódico unitário, as formas de interação ou sociação, mentalmente desligadas dos conteúdos, que só por meio delas se fazem sociais, me parece a única possibilidade de fundar uma ciência especial da sociedade como tal¹³.

Assim sendo, podemos induzir que a forma social é um elemento que possibilita a existência do indivíduo como um ser ao mesmo tempo biológico e social. Assim, as pulsões, necessidades, desejos, vontades, interesses e *psiques* dos homens orientam-se e realizam-se em formas sociais, no estabelecimento de ações recíprocas e, conseqüentemente, em socialização. O ato de entrar em relação social, ato este que garante o engendramento do ser individual e social, só é possível com a existência das formas sociais nas quais a *matéria da vida* é dotada com “o caráter social de todos aqueles fatos de que se ocupam as ciências particulares¹⁴”.

Para Simmel, o objeto próprio da Sociologia é o estudo das formas sociais, e é nelas que se deve buscar a compreensão da existência e das relações do ser social, porque os homens são “portadores individuais de instintos e fins, que os movem a unir-se, a converter-se em uma unidade, em uma sociedade¹⁵”. Portanto, a orientação e a realização desses instintos e fins não serão individuais.

É na esfera do social, no mundo das formas sociais, que existe a possibilidade de os indivíduos atingirem determinados fins.

O conceito de forma social presente na obra de Simmel está posto como um elemento que ao mesmo tempo orienta e organiza a ação recíproca, ou seja, as interações dão-se no âmbito das formas sociais. Essa consideração também indica que as relações sociais não podem ser explicadas apenas por meio dos indivíduos, de seu entendimento e de seus interesses, somente pelo estudo da sociedade como o espaço de formas em que os indivíduos estabelecem interações e estão em relação social mútua com os outros indivíduos.

A pluralidade de elementos que se converte em sociedade dá substância à afirmação de que:

A sociedade, no sentido em que pode ser considerada pela Sociologia, é ou o conceito geral abstrato que engloba todas essas formas, o gênero do qual são espécies, ou a soma das formas que atuam em cada caso.(...).Não há sociedade absoluta, no sentido de que deveria existir como condição prévia para que surjam esses diversos fenômenos de união; pois não há interação absoluta mas somente diversas modalidades dela [interação] cuja emergência determina a existência da sociedade, da qual não são nem causa nem efeito, mas ela própria de maneira imediata¹⁶.

A forma social, assim como a cultura, pode ser objetivada, passando a ser “produto fixo, idealmente irremovível, [que] retroativamente fixa de um modo inquietante aquela vivacidade e a imobiliza; freqüentemente é como se a mobilidade criadora da alma morresse em seu próprio produto”¹⁷ assumindo ares de um recipiente, o qual os indivíduos irão preencher com os seus diversos conteúdos, durante e para o estabelecimento de interação social.

Uma exemplificação de uma forma social objetiva encontra-se no livro *Filosofia do dinheiro*. Simmel demonstra como o dinheiro, na condição de uma forma social, objetivou-se. Como um *recipiente*, tornou-se forma de uma miríade de conteúdos. Isso porque, conforme o autor,

o dinheiro, na troca, na esfera de sua validade, se põe à disposição de quase todas as tendências e não adquire a forma de antagonismo contra qualquer outra, como fazem os demais poderes, uma vez que passam de seu sentido geral a um particular. O dinheiro conserva sua indiferença com que se presta aos elementos de uma contradição, quando ao enfrentar-se, estes utilizam sua relação geral com o dinheiro para

formular suas diferenças e resolver seus conflitos¹⁸.

Tendo uma capacidade de servir a diversas e opostas particularidades, cada uma com uso distinto e próprio, o dinheiro tornou-se um meio. E “todos os meios, como tais, implicam que as relações e as concatenações da realidade se integrem¹⁹. São essas relações e concatenações que Simmel busca compreender.

Um outro exemplo é a forma hierarquia. Essa forma, hierarquia, envolve um desnível de atributos, de características e qualidades entre indivíduos de tal maneira que a relação dominação/submissão esteja presente em maior ou menor grau em diversas relações e diversos conteúdos como na relação professor/aluno; médico/paciente.

A complexificação da sociedade é produto da multiplicação das formas. Não há uma maneira de interação absoluta, única, mas diversas maneiras de estabelecer uma interação social. Podemos citar multiplicidades de papéis diferentes que são executados pelos indivíduos. Simmel acreditava que a diversidade de modalidades de interações sociais não deve inquietar os estudiosos, pois esta diversidade “não é causa nem efeito, é a própria sociedade²⁰. Quanto mais possibilidades de interação existirem, mais profundo será o processo complexificador, e como tal abrangerá muito mais conteúdos.

As formas sociais que constituem a sociedade estão definidas como fixas e fluidas ou efêmeras.

Ao lado dos fenômenos visíveis que se impõem por sua extensão e por sua importância externa, existe um número imenso de formas de relação e de interação entre os homens, que, nesses casos particulares, parecem de mínima monta, mas que se oferecem em quantidade incalculável e são as que produzem a sociedade, tal como as conhecemos, intercalando-se entre as formações mais amplas, oficiais, por assim dizê-lo²¹.

Algumas formas sociais estão institucionalizadas e tornaram-se mais perenes, como, por exemplo, a família; outras são formas sociais cuja construção e reconstrução é constante, como o bate-papo no bar, em que não há uma institucionalização. A fluidez ou a perenidade das formas decorre de sua capacidade de adquirir autonomia, dinâmica própria ou independência em relação

ao processo de sua criação. A dinâmica da vida acaba por afastar algumas formas dos indivíduos que as produziram.

Conforme Simmel, a sociabilidade ocorre quando "as formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços"²². Ao engendrar processos de interação social em que "as verdadeiras motivações da sociação, condicionadas pela vida, não têm importância"²³, a sociabilidade reduz os atritos. A pureza desta se dá pelo afastamento das subjetividades e pela liberação dos elementos individuais que rechearam uma forma social, como, por exemplo, o indivíduo agir de modo educado, somente porque o outro o tratou educadamente: "é o jogo no qual se 'faz de conta' que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e 'fazer de conta' não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade"²⁴.

3 CONCLUSÃO

Enfim, a vida social para Simmel só existe no âmbito das formas sociais. A existência individual é um transitar cotidiano por um leque de formas que atendem às demandas históricas da sociedade e dos indivíduos. As formas sociais fluidas ou efêmeras são tão fundamentais quanto às fixas. A forma social fixa já está mais deslocada da sua origem por ser mais autônoma e acaba por possibilitar uma comodidade social, pois o indivíduo não precisa inventar forma social a cada interação, precisa simplesmente dar-lhe vida. As fluidas e efêmeras estão mais próximas do espírito humano que, dotado de desejos, vai possibilitando o surgimento de novas formas sociais ou a reformulação das antigas e podem representar toda a capacidade de criação desse espírito humano. Esse processo contínuo permite o dinamismo da vida social.

REFERÊNCIAS

BOUDON, Raymond & BOURRICAD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo: Editora. Ática, 1979.

MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Editora Ática, 1983. (Coleção grandes cientistas sociais; 34).

SIMMEL, Georg. *Filosofia del dinero*. Madrid: Alianza editorial, 1977.

SIMMEL, Georg. *Sociologia, 1 - Estudios sobre las formas de socialización*. Madrid: Alianza Editorial. 1977.

SOUZA, Jessé de & OËLZE, Berthold. (Orgs.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UNB, 1998.

3 BOUDON, R. & BOURRICAUD, F. Dicionário crítico de sociologia. São Pulo: Editora Ática, 1993. p. 499. Verbetes: Simmel, Georg.

4 "O uso exclusivo do conceito de socialização ao invés do de sociedade, considera Gabriel Cohn, confere ao seu pensamento [Simmel] toda a flexibilidade e sensibilidade às questões de mudança social." Cf: COHN, G. Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: Ed. Ática, 1979. p. 43.

5 SIMMEL, G. Sociologia, 1 - Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza Editorial, 1977. p. 15.

6 SIMMEL, G. "O problema da sociologia" In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 60.

7 SIMMEL, G. "Como as formas sociais se mantêm" In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 47.

8 SIMMEL, G. "Como as formas sociais se mantêm" In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 47. Importante assinalar que para Simmel as relações sociais entre os indivíduos não são exclusivamente harmônicas, há também as formas que os homens adotam nas relações de uns contra os outros.

9 SIMMEL, G. "O problema da sociologia" In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 61. [Aspas do autor]

10 SIMMEL, G. "O problema da sociologia" In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 60.

11 SIMMEL, G. "O problema da sociologia" In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 62.

12 SIMMEL, G. "O problema da sociologia" In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 62.

13 SIMMEL, G. "O problema da sociologia" In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 61.

14 SIMMEL, G. "Como as formas sociais se mantêm" In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 47.

15 SIMMEL, G. Sociologia, 1 - Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza Editorial, 1977. p. 16.

-
- 16 SIMMEL, G. "O problema da sociologia" In: MORAES FILHO, E. (Org.) Simmel. São Paulo: Ed. Ática 1983. p. 64-65.
- 17 SIMMEL, G. "O conceito e a tragédia da cultura" In: SOUZA, J. de & OÉLZE, B. (Orgs.) Simmel e a modernidade. Brasília: Ed. UNB, 1998. p. 84.
- 18 SIMMEL, G. Filosofia del dinero. Madrid: Alianza Editorial, 1977. p. 629.
- 19 SIMMEL, G. Filosofia del dinero. Madrid: Alianza Editorial, 1977. p. 537.
- 20 SIMMEL, G. "O problema da sociologia" In: MORAES FILHO, E. (Org.) Simmel. São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 65.
- 21 SIMMEL, G. Sociologia, 1 - Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza Editorial, 1977. p. 71.
- 22 SIMMEL, G. "Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal" In: MORAES FILHO, E. (Org.) Simmel. São Paulo: Ed. Ática. p. 168.
- 23 SIMMEL, G. "Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal" In: MORAES FILHO, E. (Org.) Simmel. São Paulo: Ed. Ática. p. 169.
- 24 SIMMEL, G. "Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal" In: MORAES FILHO, E. (Org.) Simmel. São Paulo: Ed. Ática. p. 173.